

## Apresentação

**E**ste livro é um relato jornalístico sobre a longa história de um medicamento e as pessoas que o construíram. Durante décadas, sozinhos ou com seus amigos, familiares ou outros cientistas, dois homens muito persistentes – o médico Odilon da Silva Nunes e seu filho, o advogado Iseu da Silva Nunes – lutaram para fazer algo extremamente difícil no Brasil: um medicamento original contra o câncer. As circunstâncias iniciais eram inquietantes. Odilon Nunes não pertencia a nenhuma universidade e vivia distante dos centros formais de pesquisa científica, em uma cidade do noroeste paulista chamada Birigui. Autofinanciado, com base em sua própria hipótese sobre a origem das células tumorais, ele construiu um laboratório em uma edícula na sua casa e, durante 25 anos, preparou milhares de substâncias por meio da fermentação de fungos e as testou em camundongos com linhagens específicas de tumores até encontrar a que apresentava o efeito desejado. Sua formulação saiu melhor do que o esperado, ao se mostrar capaz de restaurar as defesas do organismo, habilitando-o a novamente agir contra tumores, vírus, bactérias e protozoários – um espectro de ação mais amplo que o da penicilina, o medicamento mais utilizado no mundo.

A partir de 1985, vendo que o pai não conseguia avançar sozinho, Iseu Nunes formou um grupo de pesquisadores acadêmicos que confirmaram as propriedades da substância chamada SB-73, cujo impacto potencial foi comparado ao da penicilina em um *Globo Repórter* de 1991, quando era usada para tratar pessoas com HIV/Aids. Depois o grupo se desfez e, novamente sob a coordenação de Iseu Nunes, reorganizou-se, atraindo outros cientistas interessados

em conhecer melhor as propriedades da substância, agora chamada de P-Mapa, contra câncer e doenças infecciosas. Em 2006 o P-Mapa foi aceito para testes em centros de pesquisa dos Estados Unidos e em 2013 recebeu o prêmio Inovação Oncológica, promovido pelo Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (Icesp), um dos principais centros de pesquisa e atendimento nessa área no Brasil. As pesquisas continuam, tendo em vista a realização dos testes finais em seres humanos que, se bem-sucedidos, poderão levar à aprovação do medicamento pelos órgãos regulatórios do governo e à liberação do uso amplo.

Acompanho essa pesquisa há 24 anos. Minha primeira reportagem sobre essa molécula, então chamada SB-73, foi publicada em 1991 na revista *Globo Ciência* sob o pseudônimo de Euclides Ribeiro. Em 1992, para outra reportagem, conheci Iseu Nunes em São Paulo. Ele contou do trabalho feito até aquele momento e pediu: “Por favor, prove que estamos errados, assim você vai nos libertar!” Não provei, mas pelo menos nenhum outro cientista me fez um pedido desse tipo. Logo depois conheci Odilon da Silva Nunes em Birigui e confirmei que havia algo de muito diferente naquela pesquisa e naquele grupo de pessoas. Intrigado, voltei em 1993 para uma entrevista de dois dias, que fundamentou este livro.

A entrevista – de 184 páginas, depois de transcrita – constitui um dos poucos registros da vida e da obra de Odilon da Silva Nunes, que morreu em 2001. Aproveitei um pouco das informações em dois trabalhos acadêmicos, um de 2007 e outro de 2010, sobre a trajetória do P-Mapa. Depois complementei a entrevista inicial com os relatos de 75 pessoas que conheceram o trabalho dos Silva Nunes e conheci os espaços em que os pesquisadores trabalharam ou viveram – em Birigui, Curitiba, Araçatuba, Campinas e São Paulo – para reconstruir uma trajetória marcada pela solidão, amizade e generosidade, em meio a incessantes dificuldades e conflitos.

A narrativa expõe a capacidade de organização, a resistência e a engenhosidade de um grupo de cientistas e seus colaboradores ao longo da história do provavelmente mais poderoso medicamento já produzido no Brasil, que avança para a fase final de testes antes de poder ser usado por quem precisar. Sua história indica que, para uma molécula ser aprovada como medicamento, de acordo com as regras atuais de desenvolvimento de fármacos, a articulação – por vezes incompleta, como no Brasil – entre centros de pesquisa, empresas farmacêuticas e órgãos do governo é tão importante quanto a capacidade de deter tumores ou microrganismos.

*Carlos Henrique Fioravanti*  
São Paulo, setembro de 2015